

**“LITERATURA É MINHA HISTÓRIA”
ENTREVISTA COM BETINA RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA**

**“LA LITTÉRATURE EST MON HISTOIRE”
ENTRETIEN AVEC BETINA RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA**

Ana Crélia Penha Dias¹

Apresentação

A entrevista com a professora e pesquisadora Betinha Ribeiro Rodrigues Cunha foi realizada por ocasião do XVI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), em julho de 2019, na Universidade de Brasília (UnB).

Betina é professora titular na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com Especialização no Canadá e Antilhas, Maîtrise en Lettres pela Université de Nice, com mestrado em doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Possui ainda pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como docente da UFU, ocupou diferentes cargos administrativos, atuando como docente na área de Literatura de Língua Francesa e Literatura Brasileira. É docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Atualmente, é vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), Conselheira da Diretoria da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras (ANPOLL) e Membro da Rede de Programas Internacionais de Investigação Nantes, Aveiro e Brasília – PICNAB.

*

Betina, fale-nos um pouco sobre sua relação com a literatura.

Tenho um pé na lida com os animais, no sossego e no silêncio da terra. Durante as férias, íamos todos para a fazenda e lá, entre causos, doces, cheiros e cores, nós líamos... Minha mãe sempre foi uma leitora voraz e passou aos filhos essa prática. Por incrível que pareça, não me lembro de mim sem um livro ou sem um projeto de leitura. Dos clássicos aos best-sellers mais cotados (e nem sempre literatura de boa qualidade, vejo agora!), eu estava acompanhada. O gosto vai se formando, as escolhas vão se definindo e a reflexão passa a não prescindir do

¹ Graduada em Letras pela UFRJ, Especialista em Literatura Infantil e Juvenil, Mestre e Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ. Professora da UFRJ. É membro do Grupo de Pesquisa “A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas culturais” (UERJ). É líder do GT da ANPOLL Literatura e Ensino. Atua como docente do ProfLetras/UFRJ. E-mail: anacrelia@gmail.com

diálogo com o Outro, o personagem, a ideia e o mundo das palavras, da sensibilidade e dos múltiplos e caleidoscópios que espelham essa experiência pessoal. Daí, para a escolha profissional, foi uma consequência quase inevitável. Em um resumo talvez bastante apaixonado, penso que a literatura é a minha história e meu exercício de ser.

Na gestão que termina em 2019, você está na presidência da ABRALIC, uma associação de grande importância, que realiza o maior encontro de estudos literários do país. O que significa ser mulher e estar ali, um lugar historicamente ocupado quase com exclusividade por homens?

Inicialmente, lembro que a presidência da ABRALIC, no biênio 2018/2019, que se encerra em 30/12/2019, é um projeto bem sucedido de sediar esse evento no centro do país, visto que as gestões que se candidatam procuram privilegiar os diversos cantos do Brasil, de forma a valorizar toda a identidade plural a que estamos submetidos. O Prof. Rogério Lima, o Prof. Wilton Barroso, recentemente falecido, e o Prof. Danglei de Castro – amigos, profissionais de grande experiência, alocados na UnB - me convidaram a participar desse projeto, buscando alargar o papel e a importância das Universidades e espaços institucionais do interior, de forma que pudéssemos então trazer para Uberlândia e Brasília as novas leituras e pesquisas em Literatura.

Nesse sentido, definimos, conjuntamente, linhas de ação que buscaram privilegiar as ousadas relações que a modernidade desenha e que, de uma certa forma, dão à literatura novos retratos. Nosso propósito, nessa gestão da ABRALIC, se concentrou na relação entre crítica e criação, traduzida pelo uso do termo linguagem no seu sentido mais amplo: o uso da linguagem por grupos sociais e étnicos como vetores da literatura, a linguagem dos temas e dos discursos, a linguagem como sujeito literário, a linguagem como expressão de problemas centrais e ideias negociadas nas várias literaturas do mundo, e até mesmo em seu sentido metafórico, como "línguas" de estilos e formas. Como um código infinito, com constante necessidade de decodificação, o sistema internacional de sinais da literatura reproduz permanentemente o mito babilônico da confusão das línguas, definindo novas tarefas para a humanidade multilíngue que busca, incansavelmente, chegar a um acordo de convivência com a literatura e suas críticas.

Como mulher, e como profissional da palavra, participei ativa e conjuntamente de todas as etapas exploratórias, definidoras e administrativas que respondem por essa gestão, ao mesmo tempo em que busquei imprimir o meu tom – afetivo, descontraído e feminino mesmo – em

minhas ações, decisões e opiniões, manifestos, correspondências e perfis. Temos, no seio da Diretoria, uma relação de atenção ao trabalho do outro, de forma que, ainda em situações difíceis, acredito que fiz valer meu múltiplo papel: mulher, feminina, profissional engajada, disponível, articulada, respeitosa e competente. Mais do que tudo, o trabalho e o meu desprendimento com a ABRALIC representaram aprendizado e agradecimento pelas muitas conquistas que as relações inter pares e os afetos me proporcionaram. Finalizando, meu lugar, espero!!!, traduz o papel da mulher que se desafia e se constrói em nível de igualdade e de luta pelo seu lugar, seu papel.

Nos últimos anos, um texto de Antônio Candido, "O direito à literatura", voltou ao centro dos debates nos estudos literários. A que você atribui esse retorno?

Alguns textos não envelhecem e não envelhecem porque, de uma certa forma, conseguem traduzir em plenitude, as ideias e as posturas que representam uma nação, uma ideologia, uma cultura ou um postulado universal. Esse é o caso do texto “O direito à literatura” de A. Candido.

É um texto ensaístico que costura a teoria, a filosofia a análise textual, garantindo para todos nós o prazer e a fruição da literatura. Conforme Telê A. Lopez, essa intervenção, na origem, foi a conferência que, em 1988, ampliou a palestra “A literatura e a formação do homem”, realizada no início da década de 1970, na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Fez parte de um curso promovido, naquele ano de 1988, pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e, antes de figurar em *Vários escritos*, veio no livro de Antonio Carlos Ribeiro Fester, *Direitos humanos e....*, obra cuja leitura é necessária. Aliás, essa conferência e o livro que a encerra inicialmente tem uma importância capital porque foi um dos primeiros congressos temáticos ao longo da abertura democrática e os temas eram todos ligados à questão dos direitos humanos. Assim, Candido assevera na sua fala²

“Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra. Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e no entanto não se empenhar nela”

² CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

para fazer valer mais adiante a seguinte, e indiscutível, assertiva:

“Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não haverá homem que possa viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.”

Nesse sentido, a atualidade ou permanência do texto de Candido dizem respeito não só à questão da literatura como arte, mas como direito inalienável de todo ser humano, visto que a todos nós cabe o poder e a capacidade de fabular, de sonhar, de criar – pontos de partida da criação literária e seus processos. Portanto, o crítico-sociólogo advoga a condição imprescindível do homem para seu desenvolvimento pessoal, cultural e psicológico: o envolvimento com as narrativas e o fato poético. Aproveito aqui para lembrar do outro texto de Candido, não muito conhecido, mas igualmente importante pois dele deriva este que agora comentamos: “A literatura e a formação do homem”³

As últimas edições do congresso da ABRALIC, à frente das quais você esteve, deu destaque à relação entre literatura e ensino. Existe espaço para essa discussão num congresso de Literatura Comparada? Qual deve ser a relação da universidade com a formação do professor para a educação básica?

Os eventos da ABRALIC congregam profissionais e pesquisadores da literatura que, em um exercício de reflexão, oferecem a outros pesquisadores suas intervenções e análises críticas, de modo a divulgar e compartilhar novas ações e entendimentos a respeito dos temas elencados. Normalmente, é praxe que esses profissionais tenham o título de doutor e estejam ligados a

³ CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.2002. p. 77/93

alguma instituição de ensino, de cuja prática, em tese, possa resultar o trabalho e a intervenção propostos. Nesse sentido, portanto, acredito firmemente que o espaço para a discussão entre literatura e ensino é um espaço absolutamente necessário, privilegiado, exigindo uma constante alimentação de pesquisas e práticas que resultem da história e do exercício da prática de estudos/leitura literária. Se os cursos de Letras/Licenciatura, nos quais estão, majoritariamente, alocados esses profissionais, compreendemos que a prática docente – especialmente aquela de Literatura – tem que ser evocada como um *locus* privilegiado de estudo, pesquisa e construção de novas práticas e olhares sobre o mundo, sobre a leitura, sobre a maneira mais produtiva de se compartilhar o fato literário e suas múltiplas funções e/ou abrangências. Assim, um congresso da magnitude daqueles da ABRALIC, em especial, desses dois por nós dirigidos, deve abraçar corajosamente o tema e as relações ensino de literatura/universidade/docência, de modo a instigar novas práticas de leitura, apropriação e reflexão literária. Em última análise, é esse enfrentamento – e objetivo ao longo dessa gestão – garantir o lugar prioritário dessa discussão e estudo em uma nova cultura/prática docente que não está, em momento algum, desalinhada da reflexão e da pesquisa escritural e fabuladora.

A literatura infantil brasileira é uma das mais premiadas no mundo e, no entanto, não está presente entre os estudos críticos acadêmicos. A que você atribui essa ausência?

Pensando cuidadosamente nesse paradoxo, acredito, pessoalmente, que a ausência, até então, de estudos e reflexões críticas mais acuradas sobre a literatura infantil no Brasil é uma questão determinada, em princípio, pelos currículos dos cursos de Letras que, salvo exceções, buscam favorecer a formação de um pesquisador em letras, que se dirigirá diretamente para outros níveis de pós-graduação, em detrimento da formação de um profissional de Letras, atuante no ensino básico, e distante de uma convivência com os níveis de sua formação. Os cursos de Letras, suspeito!, não advogam a primazia das disciplinas próximas da docência e do exercício reflexivo na literatura infantil (que é, sem dúvida, a matriz de um ensino adequado ao básico e à leitura literária). Comumente, vemos que os projetos pessoais dos professores-pesquisadores de uma graduação acabam merecendo relevância e estudo prioritários, contribuindo, muitas vezes, para a canonização superlativa de obras e estudos recorrentes, ao invés de se instrumentalizar o futuro profissional egresso de tal curso, com as formas mais efetivas e não menos importantes de sua profissão.

Recentemente, livros infantis e juvenis têm sofrido censura de políticos e familiares, por não os considerarem próprios aos jovens leitores. Quais são os limites do texto produzido para esse público? Existem limites? Como responder a essa censura?

Inicialmente, e de um ponto de vista estritamente pessoal, não acredito em limites ou censura ou revisão temática para textos infantis, juvenis e/ou adultos. Acredito, sim, na adequação de uma linguagem apropriada a um determinado público, de forma que se possa compartilhar/elaborar/enfrentar temas que, a princípio, possam ser espinhosos ou necessitem de uma determinada contextualização. Literatura é vida e os temas compreendidos como alvos de censura/censores, são de necessário enfrentamento e reflexão para que possamos desenvolver, de forma lúcida e consciente, o olhar sobre o mundo e a compreensão sociocultural como cidadão. Adorno nos fala, com extrema pertinência, sobre autonomia e pensamento, tendo proposto e exercido em seus escritos a qualidade de conceder à razão uma força crítica, mostrando diferentes aspectos do real para conduzir o leitor a um novo patamar de análise e, portanto, de consciência. Nesse sentido, cabe ao professor/leitor apresentar os textos (ditos polêmicos...) de forma a favorecer e construir no seu aluno um espírito de entendimento crítico que ultrapasse as mesquinhas e fáceis ideologias castradoras e superficializantes, dando-lhe, portanto, a capacidade e independência de exercer seu pensamento e sua sensibilidade de acordo com o seu patrimônio sociocultural e seu lugar de cidadão no mundo – permanentemente em construção.

Michele Petit, em texto, afirma que "roubamos" fragmentos de textos que levamos para nossa experiência como leitores. Que fragmentos você "roubou" que poderia deixar para aqueles que leem esta entrevista? Por que fez essa escolha?

A minha experiência de leitora, apaixonada pela palavra e pelas coisas que o homem constrói, me deixa muito refém de textos importantes que roubo e, ao longo do tempo, incorporo em minha prática cotidiana. Ou seja: acho que sempre tenho um texto roubado que me ocupa, e, ao mesmo tempo, guarda o lugar de outro habitante que virá acompanhá-lo. Já caminhei com *O apanhador no campo de centeio* de Salinger, *Aparição*, de Vergílio Ferreira, contos de Clarice Lispector que me fizeram entender minha sensibilidade, dentre tantos outros que moram comigo... No momento, estou absolutamente envolvida pelos poemas de Konstantinos Kaváfis

(que me foi apresentado pela querida Leoné Barzotto) e pela releitura de *Grande sertão: Veredas*, cujo fragmento ouse copiar:

“.. me lembrei de um conselho que Zé Bebelo, na Nhanva, um dia tinha me dado. Que era: que a gente carece de fingir às vezes que raiva tem, mas raiva mesmo nunca não se deve de tolerar de ter. Porque, quando se curte raiva de alguém, é a mesm coisa que se autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a idéia e o sentir da gente; o que isso era falta de soberania, e farta bobice, e fato é. Zé Bebelo falava sempre com a máquina de acertpo – inteligência só. Entendi. Cumpri. Digo: reniti, fazendo finca-pé, em força para não esparramar raivas.”⁴

O que significa ser professora de literatura em contextos obscuros?

Talvez seja essa a minha resposta mais definitiva: ser professora de literatura, em tempos obscuros, é ser resistência, é ser lucidez, é ser confiança e consciência. É ainda acreditar nos limites da barbárie e da ignorância; sabemos por Platão, ainda que dolorosamente, que o limite da caverna é o esclarecimento, a luz e o conhecimento

⁴ ROSA, Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1958, p. 225.